

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JEFFERSON DA SILVA PIA
JOÃO PEDRO DOS ANJOS FIGUÊIREDO**

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR

**JOÃO PESSOA-PB
2016**

JEFFERSON DA SILVA PIA
JOÃO PEDRO DOS ANJOS FIGUÊIREDO

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR:

Monografia apresentada ao Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Pereira Gonsalves

JOÃO PESSOA - PB
2016

P579e Pia, Jefferson da Silva.
Educação emocional e prevenção à violência escolar /
Jefferson da Silva Pia, João Pedro dos Anjos Figuêredo.- João
Pessoa, 2016.
41f.
Orientadora: Elisa Pereira Gonsalves
Monografia (Licenciatura) - UFPB/CE
1. Pedagogia. 2. Violência - ambiente escolar. 3. Emoções
- comportamento escolar. 4. Educação emocional - escola.
I. Figuêredo, João Pedro dos Anjos.

UFPB/BC

CDU: 37.013(043.2)

JEFFERSON DA SILVA PIA
JOÃO PEDRO DOS ANJOS FIGUEIRÊDO

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR:

Monografia apresentada ao Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito
obrigatório para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisa Pereira Gonsalves (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dra. Taísa Caldas Dantas
Examinadora- UFPB

Profa. Dra. Márcia Rique Carício
Examinadora- UFPB

Aos nossos pais, pelo apoio incondicional de sempre e incentivo em fazer com que nos encontremos pessoal e profissionalmente.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e oportunidade de concluir mais um ciclo de maneira tão significativa.

À nossa orientadora Elisa Gonsalves, por nos mostrar a cada dia que o ato de ensinar é um caminho que precisa ser trilhado com amor, bem como pela oportunidade de alcançar novas experiências, movidas por apoio e dedicação, e ser motivo de inspiração sempre, pela leveza de promover educação com base na afetividade.

Aos nossos familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional de sempre.

Aos colegas do Grupo de pesquisa Educação e Emocionalidade, pela oportunidade de descobrir a cada dia que um bom trabalho é movido acima de tudo por companheirismo e afetividade.

Às professoras que compõem a Banca Examinadora, pelo aceite ao convite de participação:

Não poderíamos deixar de agradecer aos nossos professores que sempre desempenharam seu papel com empenho e dedicação, marcando de maneira significativa esta etapa tão importante de nossa vida acadêmica.

Aos amigos por estarem sempre conosco, compartilhando momentos que iremos levar para sempre em nossas memórias.

Aos colegas de curso por fazerem parte deste processo desde o início. Cada um com suas particularidades, contribuindo para chegarmos até aqui com a sensação de missão cumprida, mas cientes de que é apenas o início de uma longa caminhada.

Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com o meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar alguns conceitos de violência, mostrando como ela se manifesta no ambiente escolar e quais emoções estão implicadas no comportamento violento. Após identificar a relação das emoções com este comportamento, apontamos a Educação Emocional como um caminho para a prevenção à violência escolar. A pesquisa é de natureza bibliográfica, durante o texto dialogamos com teóricos do campo da violência escolar como Abramovay e Charlot, como também teóricos da Educação Emocional tais quais Gonsalves e Bisquerra. Concluimos que a escola precisa estar aberta à novas possibilidades, tendo em vista, que a violência tem vindo de várias formas, então o combate à mesma também necessita de várias possibilidades, uma delas, a Educação Emocional.

Palavras- chave: Violência. Emoções. Educação Emocional. Escola.

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo presentar algunos conceptos de violencia, mostrando cómo se manifiesta en el entorno escolar y qué emociones están involucradas en comportamientos violentos. Después de identificar la relación de las emociones con este comportamiento, señalamos Educación Emocional como una forma de prevención de la violencia escolar. La investigación bibliográfica es en texto dialogado con el campo teórico de la violencia escolar como Abramovay y Charlot, así como los teóricos de la educación emocional como la que Gonsalves e Bisquerra. Llegamos a la conclusión de que la escuela debe estar abierta a nuevas posibilidades, dado que la violencia ha sido en muchos aspectos, por lo que la lucha contra También necesita varias posibilidades, una de ellas, la educación emocional.

Palabras clave: Violencia. Emociones. Educación emocional. Escuela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	14
1.1 Relação da violência com a escola.....	19
1.2 Fatores de Risco.....	22
Fatores Protetores	23
2 EDUCAÇÃO EMOCIONAL.....	26
2.1 Classificando as emoções.....	28
2.2 Conceito de sentimento.....	29
2.3 Conceito de educação emocional.....	29
2.4 Raiva.....	33
2.5 Medo.....	35
2.6 Aversão.....	37
2.7 Inveja.....	37
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem o intuito de mostrar um estudo bibliográfico no qual apontamos a relação da Educação Emocional com a prevenção à violência escolar. O texto inicia fazendo um levantamento de conceitos e dados sobre a violência escolar e em seguida apresentamos como a Educação Emocional pode contribuir para a sua prevenção. Todos os dias os índices de violência na escola aumentam, sendo que este ambiente deve promover segurança para que educação de fato, aconteça.

Todo e qualquer ambiente pode ser um lugar propício para que haja educação. Ao atravessar uma rua aprendemos a noção de distância e velocidade; ao sair de casa em um dia chuvoso aprendemos a como nos proteger do frio; ao brincar descobrimos o que nos diverte. Sendo assim, o aprender está por toda parte. A escola, no entanto, é o lugar onde a educação acontece de forma intencional. É o lugar patrocinado pela sociedade para educar os seus membros para que estes sirvam à ela. Mas é a escola um ambiente agradável? Tem-se a intenção de educar, mas ela tem sido um lugar de fluidez para esta almejada educação?

É comum vermos crianças e adolescentes insatisfeitos com a escola, tendo este ambiente como um lugar não agradável, que frequentam por serem obrigados pelos pais ou responsáveis. A escola que não conquista o aluno tem muita dificuldade em mantê-lo por inteiro dentro de suas dependências. O aluno pode estar presente fisicamente na sala de aula, mas seu pensamento estar totalmente alheio ao que ocorre na aula. Esta insatisfação pode se dar pelo fato da escola não enxergar o aluno como um ser mais que cognitivo. Seu intelecto precisa de estímulo, mas todo o restante do corpo também faz parte do educando, que além de aluno, é um ser humano, com suas necessidades e potencialidades que necessitam ser vistas pela escola.

Um dos motivos desse viés cognitivo da escola é o olhar puramente para o mercado de trabalho. As instituições educacionais visam preparar o trabalhador como se este fosse um robô, uma máquina que obedece ordens e produz rápido e bem. O trabalhador que a escola prepara, necessita ser olhado em todas as suas dimensões, inclusive como alguém que tem direito à diversão, ao bem estar. Existe uma ideia implícita de que a educação é um trabalho árduo, um caminho de dor e sofrimento. É certo que exige renúncias, mas não se pode apresentar a educação como um fardo obrigatório. Charlot destaca:

Há aí uma fonte de forte tensão no universo escolar. Essa tensão é ainda mais forte porque a representação da escola como via de inserção profissional e social apagou a ideia da escola como lugar de sentido e de prazer. De sorte que o distanciamento é cada vez maior entre a importância da escola (que permite ascender a uma vida desejável, ou ao menos, "normal") e o vazio da escola no dia a dia (onde o jovem, sobretudo nos meios populares, aprende coisas que não têm sentido para ele) (CHARLOT,2002:440).

Como explica Pérez-González, a mente humana em sua completude é formada por uma engrenagem que é composta por cognição, motivação e emoção. Sendo que estas não são opostas entre si, mas se completam e se influenciam mutuamente. Contemplando o ser na sua totalidade é possível compreendê-lo melhor assim trabalhar as suas necessidades e desenvolver suas potencialidades.

A literatura utilizada como base para este trabalho aponta que esta falta de conquista da escola, o não olhar para as necessidades biológicas, fisiológicas, emocionais de seus alunos pode ocasionar insatisfações que levam ao comportamento violento, demonstrando uma imensa privação afetiva da escola para com o aluno. Instituições educacionais sofrem com diversos tipos de violência que acometem professores, funcionários e alunos. Alguns caminhos para que tais problemáticas sejam amenizadas são apontados por estudiosos, focamos neste trabalho o caminho da Educação Emocional.

Os fatores que levam à violência são múltiplos e interligados. As pesquisas aqui citadas mostram que todos estão expostos aos fatores de risco, tendo em vista que a violência está em todas as classes sociais, se apresenta nos mais diversos lugares tornando-se um problema mundial que adentrou os muros da escola.

Outro fator envolvido nesta temática é a influência da mídia. Este aspecto chama a atenção de estudiosos pelo fato destes meios tecnológicos de comunicação exercerem um papel central na sociedade. O modo como principalmente a televisão lida com a questão da violência influencia o modo das pessoas a enxergarem. A falta de seriedade que ocorre atualmente nos programas policiais transforma o assunto em algo banal. O discurso de que a tentativa é apresentar assuntos como este de forma mais "leve" para a sociedade, não convence, pois a forma com que é realizada é em sua maioria desrespeitosa.

A partir destas constatações, destacamos o papel mediador da escola. Esta deve ser a influência que fará com que seus educandos tenham um pensamento crítico diante das notícias transmitidas por estes sistemas de comunicação, fomentando a reflexão crítica dos conteúdos sobre a violência dentro e fora do ambiente escolar.

A violência escolar pode se manifestar entre professores, funcionários e alunos, entre estes últimos, os professores devem estar atentos ao comportamento peculiar de

quem está envolvido em uma situação de conflito. Tanto o agressor como a vítima têm um perfil que ao ser identificado, deve receber os devidos cuidados.

A auto estima também se encaixa na problemática em questão, tanto no que se refere ao agressor como à vítima. (Comportamento da vítima de bullying pag.49) Agressores têm uma lacuna na formação de sua autoestima. Alunos com baixa auto estima costumam se relacionar mal com colegas e professores, se colocando no lugar de vítima, o que facilita que um agressor o identifique e cometa algum ato de violência. Esta baixa auto estima faz com que o aluno sinta desconforto em estar na escola, e esta insatisfação pode ser um fator de risco.

Dentre os trabalhos pesquisados para a elaboração desta pesquisa, foi notório que os estudiosos desta temática apontam alguns fatores que são considerados os mais responsáveis pelo desencadeamento cada vez maior da violência escolar, para citar alguns, a maioria destaca a desestruturação familiar; a influência da mídia e sua banalização no tocante à violência; a ociosidade; as condições socioeconômicas da família e da comunidade na qual se está inserido; as altas taxas de desemprego e fatores biológicos. Diante disto, é de comum acordo que a sociedade hodierna está patológica, sofrendo de um analfabetismo emocional que desencadeia muitos destes fatores citados.

Os discursos se atualizam, porém os modos de ser e de fazer às vezes continuam os mesmos. O ideal são os fundamentos, objetivos e diretrizes, o real é o clima e a cultura organizacional escolar. O distanciamento entre o ideal e o real culmina na infertilidade das ações, e esta responsabilidade recai em grande parte sobre a gestão. Conhecer uma escola não é conhecer o seu Projeto Político Pedagógico, mas saber como é o seu clima, como é a atmosfera do ambiente escolar e suas facetas.

Clima e cultura têm conceitos que se tocam, estão intimamente interligados, contudo exercem influências diferenciadas. Não são sinônimos, mas compõe o mesmo fenômeno, um não existe sem o outro. Baseando-se nos conceitos dados por Luck 2011, Clima refere-se a um humor, ao estado de espírito coletivo que é variável de acordo com as circunstâncias. Funciona como a fotografia do momento, é transitório, instável e superficial. Por Cultura entende-se o conjunto de tradições, crenças, valores e comportamentos que são transmitidos por contato direto de forma implícita de ambas as partes – pessoal e coletiva -. A Cultura é mais duradoura que o Clima.

Os comportamentos na escola são determinados mais pelo sistema sociocultural interno do que por interferências externas segundo o Institute of Educacion 1998. Com isso percebemos a importância da cultura e do bom clima na escola, pois imagine-se em

um ambiente onde há constante violência, onde as pessoas só se comunicam gritando. Esta cultura exerce forte influência sobre o modo com as pessoas irão se comportar neste ambiente, incluindo as que ingressarem depois, mesmo sem que alguém os diga como agir, eles irão automaticamente se adaptar ao modo de ser de fazer da escola.

O sociólogo e filósofo chileno Juan Casassus, publicou no livro *A escola e desigualdade* parte de uma pesquisa realizada por ele e sua equipe em 14 países da América Latina entre os anos 1995 e 2000 junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), identificando aspectos que tratam de como a desigualdade atua no processo educativo e as situações e variáveis que explicam o sucesso ou o fracasso deste processo. De acordo com os dados por ele exposto, a escola que favorece o bom desempenho de seus educandos é aquela em que:

1. Conta-se com prédios adequados;
2. Dispõe-se de materiais didáticos e uma quantidade suficiente de livros e recursos na biblioteca;
3. Há autonomia na gestão;
4. O corpo docente possui formação;
5. Há poucos alunos por professor na sala;
6. Os docentes têm autonomia profissional e assumem a responsabilidade pelo êxito ou fracasso de seus alunos;
7. Pratica-se a avaliação de forma sistemática;
8. Não há nenhum tipo de segregação;
9. Os pais se envolvem com as atividades da comunidade escolar;
10. O ambiente emocional é favorável à aprendizagem.

Dentre estes destacamos os pontos 9 e 10 que tornam-se neste contexto fatores protetores (a tratar mais adiante). O envolvimento dos pais nas atividades dos filhos pode promover um melhor desempenho escolar. Não é fazer as atividades dos filhos, mas estar por dentro do que acontece durante o processo educativo, conhecer os professores, ter bom relacionamento com a gestão da escola, ir aos eventos da escola.

Contudo, o grande destaque da pesquisa de Casassus é a descoberta de que um bom ambiente emocional favorece a qualidade do aprendizado. Segundo a publicação da pesquisa esta variável obteve mais peso do que todas as outras juntas, mostrando o quanto a emoção está presente nas salas de aula, com alunos, professores e todos os seres humanos que compõem uma instituição escolar.

A pesquisa bibliográfica procura explicitar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (Martins, 2001).

Este método de pesquisa tem o objetivo de colocar o pesquisador em um contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto em questão, esta não sendo uma simples reprodução de tudo o que foi escrito, mas um exame sobre o tema que está no enfoque da pesquisa, chegando a novas conclusões e discussões sobre o tema.

Neste caso optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica onde recolhemos as explicações de vários autores sobre o tema especificado.

Com base em sites, Domínio Público, Scielo, Google Acadêmico, em livros, artigos, dissertações e teses. Totalizando 24 (Vinte e quatro) fontes utilizados na elaboração desta monografia.

1. VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência não é um fenômeno novo, mas a forma como se tem manifestado é que surge como novo. Charlot aponta ao menos três novidades dentro do cenário de violência escolar, o primeiro trata-se dos tipos de violência que estão ocorrendo dentro das instituições escolares. Não apenas o *bullying* tem tido destaque negativo, mas atualmente podemos ouvir sobre homicídios, estupros e uso de armas de fogo. Quando se trata de conflito entre professor e aluno, insultos e xingamentos são mais corriqueiros.

A segunda novidade é o fato de os envolvidos em situação violenta serem cada vez mais jovens. Podemos ouvir relatos de professores (as) que trabalham com crianças contando os absurdos que são ditos por seus alunos, as afrontas que recebem de crianças em sala de aula chegando à agressão violenta. Os heróis destas crianças são os alunos mais velhos que têm comportamento agressivo, estes são os respeitados nos ambientes escolares, e os alunos com menos idade se espelham nestes agressores. Quem assiste à documentários sobre as comunidades menos afortunadas, talvez já tenha visto crianças dizerem que querem ser como os grandes traficantes quando crescerem. Estas figuras se tornam ídolos dos mais novos por "garantirem a paz" nos morros, e assim são respeitados e idolatrados, mesmo todos sabendo que este estilo de vida é arriscado e curto.

Em terceiro lugar Charlot aponta o aumento do número de indivíduos que usam a escola como "campo de batalha". São pessoas que têm pendências com alunos ou funcionários/professores, e entram na escola para acertar as contas, vingar um amigo injustiçado ou algo do tipo. Estes invasores muitas vezes são os próprios pais de alunos que vão à escola tirar satisfações com professores a respeito de notas de seus filhos, ou reclamações a cerca de condutas dos educadores que desagradou à família. Com isso, a escola deixou de representar um lugar de proteção, um templo sagrado da educação e se tornou um ambiente vulnerável a tais condutas.

Mas o que leva as pessoas a se portarem de forma violenta? Será que isto tem bases biológicas? Estudiosos como (L: A agressão - uma história natural do mal) Lorenz (1979) apontam que o comportamento agressivo advém sim de um instinto geral de agressão humana, corroborando a teoria de Darwin de que este instinto foi eficaz na evolução humana, ele é condição *sine qua non* para a luta pela sobrevivência. Diante de tal argumento, podemos refletir sobre a regulação deste instinto, e questionar se o mesmo ocorre com tendências maiores no nível intra-espécie ou extra-espécie. (L: Amor e

ódio)(1970) afirma que a espécie humana não possui um grau elevado de agressão intra-espécie, e devemos aqui destacar a ação de fatores protetores que podem barrar a agressividade humana.

Com tudo isso, baseado em situações nossas, podemos lembrar de ocasiões onde estivemos impulsionados pela agressividade e então nós agimos, e ao passar este efeito, dissemos "estava fora de mim". Numa situação assim, o "estar fora de si" parece isentar o indivíduo de sua culpa. Agir instintivamente parece mesmo ser algo aceitável, contudo, esta ação traz consequências. Estar exposto a fatores de riscos pode levar a pessoa a um estado semelhante, onde o mesmo se iguala a um "bicho", perdendo a razão e agindo por instinto.

1.1 Conceito de violência

Diferentes conceitos de violência podem ser encontrados, há uma pluralidade imensa ao dizer o que de fato é a violência, mas o que é unânime é que esta se manifesta de diversas formas, nos mais variados ambientes e em todas as classes sociais. É um problema até quando se trata de conceituá-la, pois a diversidade com a qual se manifesta atualmente gera novas concepções. Para este texto podemos considerar a violência como a violação dos direitos humanos fundamentais, um ato de tolher esses direitos, negar a execução plena, impedir que esses direitos básicos sejam garantidos a uma pessoa.

Dentro da conceituação de violência podemos recorrer ao que diz Bernard Charlot ao distinguir agressividade e agressão. Segundo Charlot 2002 a agressividade tem relação com a reação diante da frustração, diante daquilo que não ocorre como o esperado ficamos frustrados e em um estado de agressividade. A agressão é uma ação, um ato de brutalidade física ou verbal com o intuito de abordar, atacar alguém. Quanto à violência, é uma característica deste ato, enfatizando o uso da força, da dominação. Um assalto, por exemplo, pode ter agressão sem característica violenta, quando há uma ameaça a fim de se apossar do objeto de outra pessoa, sem ferir a mesma. Transforma-se em agressão violenta a partir do momento em que a força é usada além do necessário pela satisfação do agressor em causar mal, humilhar.

(L:Violência e Psicanálise) Costa (1986) diz que a agressividade relaciona-se com a necessidade do agressor, é uma ação em sua autodefesa, no entanto a violência é a ação pelo desejo de causar mal, o emprego proposital, com desejo de usar a força. Se pensarmos que os animais agem por instinto, caçam para sobreviver, para suprir suas

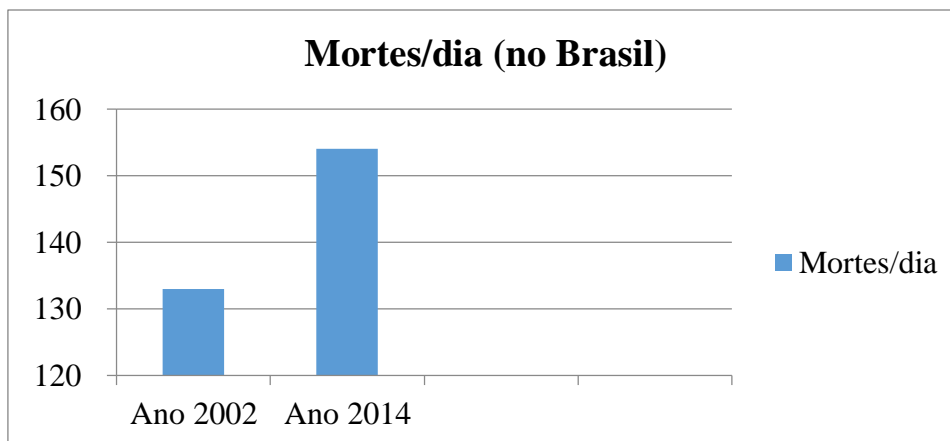
necessidades e não por um *hobby*, conseqüentemente o ser humano é o único capaz de promover a violência, tendo em vista que em alguns casos pessoas matam outras sem motivo aparente. Há relatos jornalísticos de pessoas que matavam por desejar matar, por sentir prazer no sofrimento alheio. Seria a violência um comportamento estritamente humano?

É importante notar que esta distinção nos faz refletir sobre a regulação entre estes conceitos, pois a agressividade (em ambos os conceitos) sempre existirá e muitas vezes serve de combustível para determinadas situações, tais quais o esporte, a arte e situações triviais que exigem certo empenho extra. Esta ausência do entendimento em relação aos conceitos faz com que a escola fique sem saber como agir diante de conflitos, não sabendo direcionar seus alunos a agirem beneficentemente com o que sentem. Charlot 2002 afirma:

É a violência enquanto vontade de destruir, de aviltar, de atormentar, que causa problema - e que causa mais problema ainda em uma instituição que, como a escola, inscreve-se na ordem da linguagem e da troca simbólica e não da força física. Concretamente isso significa que o problema não é fazer desaparecer da escola a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra e não pela violência (CHARLOT, 2002:436).

A violência é um problema não apenas da escola, mas de todos os espaços habitados pelo ser humano, e seus números crescem em todo o mundo. Estes números que expressam a violência no mundo são assustadores. As mortes causadas por atos violentos (suicídio, homicídio e conflito bélicos) crescem a cada ano. De acordo com o Mapa da Violência, em 2003 foram registradas 1.600.000 mortes violentas, sendo o suicídio a principal causa com 50% dos casos, seguido por homicídio com 31% e conflitos bélicos com 19% (BISQUERRA, 2000).

No Brasil os números mostram uma taxa de 13 homicídios para cada 100 mil crianças e adolescentes, isso coloca o Brasil em 4º lugar entre o total de 92 países analisados. Essa taxa é superior em cerca de 50 e 150 vezes em relação a países como Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália e Egito, cujas taxas alcançam cerca de 0,2 homicídios em 100 mil crianças e adolescentes (WASELFITZ, 2012). O gráfico abaixo ilustra o aumento na taxa de mortalidade por dia no Brasil do ano de 2002 para 2014:



Fonte: Mapa da Violência 2014

Muitos maus tratos ocorrem no seio familiar, e por se tratar de família, alguns casos não são conhecidos. Diariamente nos noticiários podemos ouvir relatos de violência doméstica, onde os pais agredem os filhos, ou o marido espanca a esposa, ou até mesmo filhos que maltratam os pais idosos. Por ser caso de família, algumas vítimas preferem não prestar queixa para não ver seu familiar recebendo as devidas punições, e esse pensamento só fomenta os casos de agressão fazendo muitas vezes que as vítimas cheguem ao óbito, quando ninguém pode mais ajudar.

Ainda de acordo com o Mapa da Violência 2014, o Nordeste é a região em que mais cresce o número de homicídios. Entre os anos de 2001 e 2011 houve um aumento de 73,6% nos homicídios. João Pessoa teve um crescimento assustador, o número de homicídios na população total subiu de 251 no ano de 2001 para 633 em 2011 e em relação à taxa de homicídio por 100 mil pessoas na população total das capitais, João Pessoa e Maceió saem do posto de 10º e 14º lugares que ocupavam em 1999 e chegam aos dois primeiros lugares em 2011. O Mapa aponta que no ano de 2001 164 jovens entre 15 e 29 anos eram assassinados, este número subiu para 404 em 2011. A média nacional de homicídios juvenis por 100 mil jovens das capitais é de 76,6; apontando mais uma vez Maceió e João Pessoa nas primeiras colocações. Maceió ultrapassa a marca de 250 homicídios por 100 mil jovens, enquanto São Paulo apresenta a menor taxa, 20,2.

Na rua, no transporte público, no ambiente de trabalho, na família e na escola. Estes são alguns dos ambientes nos quais a violência tem adentrado com força, fazendo vítimas e deixando marcas. Este fenômeno manifesta-se por diferentes tipos, são eles: violência verbal, física, sexual, bullying, negligência e emocional.

A Violência Verbal caracteriza-se pelo ato de difamar outra pessoa, depreciá-la. A fofoca está inserida neste contexto. A partir do momento em que uma pessoa fala mal de outra a fim de desqualificá-la, está sendo promotora de violência verbal. Quando questiona de forma demasiada ou quando se cala diante de uma situação que pede sua fala. É importante salientar este aspecto do silêncio, pois a negação da comunicação também agride, a indiferença provoca sequelas tanto quanto a discussão e xingamentos.

A Violência Física é o ato de comprometer a integridade física do outro. Isto pode ocorrer com socos, empurrões, ponta pés. Se uma pessoa intencionalmente fere fisicamente, causando algum dano à integridade física de outra pessoa ou de si mesmo, está qualificado o seu ato como violência física.

A Violência Sexual caracteriza-se pela ação de obrigar uma pessoa a manter contato sexual, limitando ou anulando a vontade do agredido, coagindo a manter relações com o agressor ou com terceiros, sendo uma relação hétero ou homossexual. Divide-se em diferentes formas: Exploração (a pessoa agredida é tratada como mercadoria, recebe uma gratificação do agressor ou de terceiros; envolve também o tráfico sexual); abuso (a agressão ocorre sem pagamento; é comum acontecer de maneira intrafamiliar); estupro (quando ocorre conjugação carnal - penetração pênis-vagina); atentado violento ao pudor (constrangimento por meio de ameaças e/ou violência com práticas de atos libidinosos - legalmente está inserido no crime de estupro segundo a Lei nº12.015/2009); assédio (abordagem insistente com propostas objetivando obter vantagem sexual); pornografia infantil (produção ou venda de conteúdos contendo imagens pornográficas ou cenas de sexo entre crianças e/ou adolescentes); pedofilia (trata-se de atividades sexuais com crianças) e incesto (contato sexual entre parentes).

É violência também a negligência, que é o abandono ou o não provimento das necessidades básicas de uma criança e/ou adolescente; a omissão também é considerada uma violência.

A Violência Emocional caracteriza-se como o ato de rejeitar uma pessoa, de humilhar causando uma desregulação emocional no outro. Este tipo de violência provoca marcas invisíveis, pois o ferimento se dá na alma.

Há ainda o Bullying que é uma violência física ou psicológica repetitiva a fim de intimidar e/ou agredir uma pessoa indefesa. É o tipo de violência mais comum em ambiente escolar.

Estes tipos de violência ocorrem dentro de três níveis, são eles: autoinflingida, interpessoal e coletiva. No nível autoinflingida estão pessoas que têm problemas com a

autoestima e por isso costumam se maltratar por sua insatisfação com sua aparência, ou seu rendimento acadêmico/profissional etc. Esta insatisfação gera um comportamento autodestrutivo, levando o indivíduo a se depreciar, falar mal de si mesmo, fazer uso abusivo de álcool e/ou drogas e até mesmo a auto mutilação. O suicídio é a expressão máxima deste nível.

O segundo nível é o interpessoal e ocorre entre dois ou mais indivíduos em qualquer ambiente. Quando no âmbito familiar, é a agressão aos filhos, aos pais, ao cônjuge; no âmbito comunitário é o assalto, o espancamento a uma pessoa por qualquer motivo. Por último temos o nível coletivo, praticado por grupos que têm determinado poder e faz uso deste para tolher os direitos das pessoas. Estes grupos podem ser políticos, religiosos etc. Um exemplo de um fato assim é o Regime Militar vivenciado no Brasil entre os anos 1964 e 1985, onde um grupo da sociedade - os militares - governou sem considerar os direitos da população.

1.2 Relação da Violência Com a Escola

Após alguns dados e relatos do que vem sendo estudado dentro do tema, entramos agora diretamente na relação da violência com a escola. Esta relação infelizmente tem crescido e assustado professores, pais e alunos nos últimos tempos. A violência entrou sorrateiramente na escola, mas atualmente ela invade pelo portão principal. Os relatos que se vêem nos noticiários são demasiado assustadores.

Em uma de suas definições mais amplamente aceitas, embora seja extremamente difícil exprimi-la a partir de uma única categoria explicativa, *a violência é todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força*. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito. Mas a própria noção encerra níveis diversos de significação, pois os limites entre o reconhecimento ou não do ato como violento são definidos pelos atores em condições históricas e culturais diversas. De um lado, ao se eleger prioritariamente nesta análise as condutas que envolvem a destruição e a força, não poderia deixar de considerar, ao menos como referência, práticas mais sutis e cotidianas observadas na sala de aula que veiculam o racismo ou a intolerância e, até, os mecanismos relativos à violência simbólica presentes na relação pedagógica. (BOURDIEU e PASSERON: 1975).

Por outro lado, as diferentes utilizações da palavra violência, relacionados com a indisciplina permite alterar os significados das ações nas escolas. Atos antes definidos como violação dos alunos perante as regras disciplinares, até o momento, “aceitos” por educadores como parte do seu desenvolvimento, hoje são continuamente vistos como atos de violência. Ações violentas, estas tendo sido por agressões físicas, podem ser vistas pelos envolvidos como fatos corriqueiros ou simples infrações às normas da convivência na escola.

Com isso, alguns dos aspectos a serem investigados, diz respeito a como, as instituições escolares, constroem as definições que constituem e regularizam condutas – violências ou indisciplinas - pelos envolvidos: professores, alunos, funcionários, pais, entre outros.

A escola foi pensada, principalmente a pública como o lugar aonde novas gerações irão se encontrar para socializar, para que consigam viver em sociedade, uma busca pela compreensão e pela tolerância em relação as diferenças entre os indivíduos.

Como já foi mencionado, Charlot 2002 diz que este fenômeno não é novo, o que é de fato novidade é a forma como a violência tem se manifestado. Atualmente é mais comum ouvirmos e/ou lermos sobre estupros, uso de armas de fogo, homicídios, dentre outras formas chocantes de comportamentos agressivos no espaço escolar. Ainda dentro desta ideia, Charlot 2002 aponta distinções nestas manifestações da violência escolar, são elas a violência na escola, à escola e da escola.

A violência na escola refere-se àqueles acontecimentos que não estão diretamente ligados às atividades escolares. Exemplo disso, situações em que indivíduos adentram o ambiente escolar para vingar algum colega que fora injustiçado, ou simplesmente para cometer alguma agressão dentro do ambiente escolar.

Violência à escola, esta sim está diretamente ligada a atividades da instituição. Caracteriza-se pela violência dos alunos aos professores, ao patrimônio da instituição, quando há insultos aos funcionários ou qualquer outra atitude que vise a depredação do ambiente físico ou contra os que representam a instituição.

Por último Charlot apresenta a violência da escola, que se refere aos atos da escola contra seus alunos ou funcionários. Exemplos destes atos: modos de compor a classe, atribuição de notas, o modo da entrega dos boletins, atos racistas, abuso de poder, provocando assim falta de interesse de estar no ambiente escolar.

Isto é um problema que adentrou as escolas, sendo que o meio para minimizar seus efeitos pode ser encontrado neste mesmo ambiente. Um caminho para o antídoto para a violência está na educação, em saber seus direitos e deveres enquanto cidadão.

Uma parceria entre família (a principal responsável pela educação moral) e a escola (responsável pela escolarização e companheira na formação do cidadão).

A violência como já foi dito trata-se da violação dos direitos humanos fundamentais. Todos nós temos direitos de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), esta foi instituída após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial ao final do ano 1948. A dignidade da pessoa humana está assegurada por esta Declaração, o seu bem estar subjetivo é um direito que cabe a todos. O bem estar objetivo (a busca por coisas materiais) tem a finalidade de obtenção do bem estar subjetivo (emocional). Ser feliz é uma busca constante da pessoa humana, estar bem consigo e manter boas relações sociais é um alvo a ser alcançado. Quando esses direitos são infringidos, a luta pela proteção destes é iniciada.

Esses direitos precisam ser protegidos, e isto se faz através da vivência de uma cultura de direitos. E o que vem a ser esta cultura? É o contrário da auto sabotagem. Frases do tipo “É difícil mesmo, não é para mim”, “Nunca vou conseguir, não tenho direitos por ser assim”, são promotoras de autoflagelação, faz com que o indivíduo permita que seus direitos sejam barrados por si mesmo. Vivemos em uma sociedade onde os que estão no poder político, em sua maioria, preferem que a população em geral não tome consciência de seus direitos para assim dominarem sobre o povo. A tomada de consciência vem através da educação, esta sim é promotora de uma cultura de direitos, onde os que sabem que têm tais direitos, os reivindicam e tomam posse do que é seu.

Tudo isto pode ser aprendido na escola, mas para isso, um bom ambiente é essencial. A escola é um lugar criado pela sociedade para a educação de seus cidadãos de forma intencional e sistematicamente organizada. Fora de seus muros a sociedade tem mudado, tem se transformado e a escola precisa ter ciência do que acontece lá fora para saber guiar seus educandos. A escola não pode colocar o aluno no caminho, mas pode mostrar como se caminha por ele, e para isto, precisa estar atenta ao movimento da vida fora de seus muros. Conhecer as facetas da violência é de suma importância para saber as mediações necessárias quando esta se apresentar no ambiente escolar. E esta presença é prejudicial.

1.3 Fatores de Risco

Para que um comportamento violento venha à tona, geralmente é porque o indivíduo está inserido em uma série de combinações de fatores que provocam este comportamento. Segundo Bisquerra:

“Raramente um fator específico de risco incide em um único comportamento desajustado; mas sim são múltiplas formas de comportamento desajustado que se associam a um mesmo fator de risco. Isto explica, em parte, os elevados índices de co-ocorrência de comportamentos problemáticos (BISQUERRA, 2000, p. 10, tradução nossa).”

A combinação dos fatores de risco é a maior responsável por condutas agressivas. A exposição a esses fatores de risco pode causar o desencadeamento de um ou mais comportamentos violentos. Considera-se fatores de risco aqueles elementos, situações ou ambientes que afetam negativamente o desenvolvimento da pessoa. São oriundas da interação do indivíduo com o seu meio.

O primeiro que podemos destacar são os Fatores Individuais, composto por impulsividade, baixa habilidade de resolução de problemas, hiperatividade, tendência a transferir a responsabilidade por seu comportamento, ansiedade e depressão, tendência a pensar que o mundo gira em torno de si, tendência a ver o mundo como um lugar hostil, uso abusivo de drogas e álcool. Há também Fatores Familiares tem a ver com o estilo familiar crítico e punitivo, hostilidade na relação, rigidez extrema, maus-tratos e negligência.

Os Fatores Ligados à Grupos de Amigos pode exercer influência na conduta da pessoa, pois, o comportamento violento do grupo pode ser absorvido pelo indivíduo, assim como o uso abusivo de álcool e drogas e atividades perigosas. Para ser respeitado no grupo, ou mesmo para se sentir inserido de fato, o indivíduo termina agindo em conformidade com o grupo, mesmo que algumas atividades não sejam do seu feitio. Em relação aos Fatores Sociais e Comunitários, existem comunidades com altas taxas de criminalidade, estigmatização, e isso gera pouco apoio comunitário e exclusão de atividades comunitárias que podem desenvolver no indivíduo comportamentos de risco. Não se sentir aceito por viver em um meio não bem quisto, é um fator de risco.

Fatores Socioeconômicos e Culturais envolve desemprego, fome, desigualdade social, cultura rica e branca versus cultura pobre e negra. Também ligado à estigmatização; o pobre e/ou negro no imaginário de muitos, é necessariamente um

bandido. Esta situação pode gerar revolta e com isso, comportamentos destrutivos. Por último, os Fatores Escolares. A escola pode se tornar um fator de risco à medida em que não há regras e limites, pouca relação afetiva entre os alunos e falta de apoio docente. Um aluno que não vai bem na escola e que por isso não recebe a devida atenção, não é incentivado à melhorar, mas apenas recebe críticas, tende a piorar, a não querer desenvolver, pois é desacreditado por professores (as) e/ou colegas. Se a família não tem boa relação com a escola, isto também é um agravante, são as duas casas do aluno em conflito.

O citado estudo aponta que pessoas expostas a tais fatores têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos agressivos do que aquelas que não se encontram na mesma situação, contudo, não necessariamente estas que estão inseridas nestes fatores desenvolverão tais comportamentos.

1.4 Fatores Protetores

Os Fatores Protetores funcionam como barreira contra condutas agressivas e são constituídos de habilidades, elementos e/ou situações que afetam positivamente o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Estes fatores podem ser considerados em três níveis, sendo eles pessoal (a pessoa com ela mesmo), familiar (ambiente familiar propício para um bom desenvolvimento) e social (não apenas no tocante à relação, mas boas condições oferecidas pela sociedade para cumprimento das regras sociais).

O primeiro destes fatores é a Escola. A instituição escolar pode de várias maneiras prevenir a violência. Faz-se necessário a criação de regras claras e que estejam expostas em todo tempo aos discentes, comisso, os ambientes da escola frequentado pelos alunos devem ser monitorados constantemente e havendo alguma infração diante das regras estabelecidas *a priori*, o aluno é conduzido a uma medida disciplinar. A relação dos pais com a escola também é um forte aliado no combate à violência, a harmonia entre pais e professores, o acompanhamento com o intuito de ajudar os alunos em suas dificuldades promove um bom rendimento escolar, o que reduz o afastamento e a evasão escolar que são fatores de risco. A escola pode ainda criar atividades extracurriculares para que assim os alunos tenham atividades físicas, outras que estimulem a criatividade, reforço das disciplinas estudadas em sala de aula, preenchendo assim o tempo deles para que não fiquem na ociosidade.

O segundo fator, Atividades Comunitárias. É importante que os Centros Comunitários e até mesmo as escolas criem oportunidades para que a população possa produzir algo proveitoso para a comunidade. O indivíduo quando está produzindo, fazendo algo que gosta e se sentindo útil, reduz as suas chances de durante a ociosidade pensar em fazer algo degradante. Todos ganham com isso, o indivíduo que trabalha fazendo algo proveitoso e assim se afasta de atividades de risco, e a comunidade ganha com cidadãos de bem que contribuem para o crescimento desta.

Os próximos fatores são proporcionados pela Educação Emocional. Ao desenvolver a Competência Emocional, a pessoa adquire características que funcionam como fatores protetores, tais quais a Resiliência, que constitui uma capacidade humana de fazer frente à situações adversas. O indivíduo resiliente consegue ressignificar uma situação que a *priori* lhe causa mal, mudando seu modo de enxergá-la a fim de criar oportunidades de crescimento e bem estar pessoal e social. Também a Consciência Crítica, que é conhecer a si próprio é importante, saber lidar com as dificuldades do cotidiano, criar habilidades de solucionar os problemas, como também de auto-superação, assim impedindo a ação dos fatores de risco. Autonomia, pois agir autonomamente pode gerar autoconfiança e autocontrole. Ter autonomia ajuda nas tomadas de decisão assim você não vai logo para o enfrentamento agressivo, promovendo assim o autocuidado. E por último, Habilidades Sociais, que é o relacionar-se com outras pessoas. A empatia o colocar-se no lugar do outro, ouvir e ajudar não apenas dentre os familiares, mas também no meio social no qual o indivíduo está inserido.

Estes fatores estão interligados, assim como os fatores de risco não atuam sozinhos, os fatores protetores também formam uma rede que promove a prevenção de conflitos, alguns desses fatores são emoções que atuam como agentes protetores diante de situações de conflito.



2. EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Para entrarmos na Educação Emocional precisamos primeiro entender alguns conceitos que nos serão úteis no transcorrer deste trabalho. Primeiramente destacamos que emoção e sentimento são dois fenômenos distintos. Emoção é uma resposta que o organismo dá diante de um estímulo, este que o neurocientista português António Damásio chama de EEC (Estímulo Emocional Competente). O EEC é todo estímulo que é capaz de gerar uma emoção, pode ser uma pessoa, uma situação ou um elemento. Este estímulo pode ser interno (a lembrança de alguma situação que te alegra, ou a de uma pessoa que ao lembrar-se dela sente saudade) ou externo (ao ver uma criança sorrir, você também sorri, ou ver alguém sendo humilhado e isso te deixa furioso), em ambos os casos uma emoção é gerada, suscitando alterações fisiológicas.

O EEC faz com que imediatamente o corpo reaja, ele entra em um estado de excitação, de perturbação que dura alguns segundos. A emoção fala sobre nós, ela indica o que é importante, o que tem valor para nós, produzindo movimentos no corpo. Damásio escreve sobre esses movimentos:

As emoções são ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos. Alguns comportamentos da emoção não são perceptíveis a olho nu, mas podem se tornar "visíveis" com sondas modernas, tais como a determinação de níveis hormonais sanguíneos ou de padrões de ondas eletrofisiológicas (Damásio 2013, p. 35)

Etimologicamente a palavra emoção vem do latim *movere*(mover), com o acréscimo do prefixo *e* que tem a conotação de trazer para fora, temos emoção = mover-se trazendo à tona o que está por dentro. E este comando de levar para fora é dado pelo cérebro. A emoção tem bases neurais, o cérebro é responsável pela cognição e também pela emoção. As informações chegam ao cérebro e então ele decodifica criando uma representação interna do que ocorre externamente e da corporeidade, gerando assim, cognição e emoção concomitantemente. Nas palavras de Gonsalves:

As emoções podem ser compreendidas inicialmente como fenômenos cerebrais amplamente diferenciados do pensamento, que contêm as suas próprias bases neuroquímicas e fisiológicas e que preparam o organismo para a ação em resposta a um determinado estímulo interno ou desafio ambiental (Gonsalves 2015, p.29).

A partir das informações que os estímulos enviam ao cérebro é que estabelecemos relações com o entorno, seja com pessoas, com objetos, outros animais ou situações. Este conjunto de reações químicas e neurais a que chamamos emoção, é que organiza

respostas adequadas diante de estímulos. As emoções são, por assim dizer, protetivas, pois sem elas não poderíamos responder a uma situação de perigo, por exemplo. Imagine que você precisa atravessar uma rua muito movimentada em um horário em que o trânsito está caótico. Se você não sente medo diante desta situação, provavelmente irá se prejudicar.

Baseado nisto, consideramos não tratar as emoções como negativas e positivas. Para nós o que determina um destes pólos, é a forma como se vivencia a emoção, mas ela em si, é protetiva, reguladora do nosso bem estar. Imaginemos outra situação: uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro à toa compra um alimento no supermercado, ao chegar em casa com muita vontade de consumir o alimento, nota que o mesmo está com o prazo de validade vencido e já cheira mal. Isso o entristece ferozmente, afinal, ele comprou certo de que iria ingerir o alimento. Como ele não gosta de gastar à toa, pensa "vou consumir, pois gastei meu dinheiro e não posso perdê-lo assim". Se neste momento ele não sentir nojo, se não houver uma aversão por parte deste comprador, ele irá consumir um alimento estragado que provavelmente lhe fará mal à saúde. Contudo, se sentir nojo, mesmo tendo gastado seu dinheiro, irá proteger seu corpo de algo danoso. Com isso podemos perceber que a emoção do nojo foi protetora, sendo assim, não podemos considerá-la como uma emoção negativa. Como foi mencionado, a determinação do pólo dependerá da forma como se lida com a situação.

O corpo tem suas próprias maneiras de se auto regular, de cuidar de si a fim de promover o bem estar. O processo de homeostase consiste na capacidade do organismo em manter certo equilíbrio no corpo. Se a temperatura do corpo fica acima de 37° C, o próprio organismo se encarrega de fazer as glândulas sudoríparas liberarem mais suor para esfriar o corpo. As emoções têm a ver com isso, pois como afirma Damásio, as emoções visam à regulação da vida, de forma direta ou indireta, são adaptativas. Não são todas as vezes que ao se emocionar, está-se promovendo bem estar, mas isto não exclui a importância da emoção para a sobrevivência. Damásio explica:

O fato de que certas emoções acabam por ser pouco ou nada adaptativas, em certas circunstâncias humanas atuais, não nega de forma nenhuma o papel adaptativo que essas funções desempenharam na regulação da vida em fases bem diferentes da evolução. Numa sociedade moderna a zanga é contraproducente, assim como a tristeza. As fobias são um enorme obstáculo. E no entanto é evidente que a raiva e o medo salvaram numerosas vidas ao longo da evolução. Essas reações prevaleceram na evolução exatamente porque levaram à sobrevivência, direta e automaticamente, e ainda estão conosco porque continuam a desempenhar um papel valioso, em certas circunstâncias (Damásio 2013, p. 47-48).

2.1 Classificação das emoções

Damásio utiliza uma classificação básica para as emoções, dividem-se em emoções primárias, sociais e de fundo. As emoções primárias ou básicas são aquelas que são de fácil identificação, independentemente da cultura o comportamento que ela produz é o mesmo. São emoções inatas e estão presentes em seres não humanos também, são elas: medo, raiva, alegria, surpresa, nojo e tristeza. Naturalmente uma criança irá sorrir ao sentir alegria, é um mecanismo que já vem pronto, nascemos com ele e por isso não há necessidade de ser ensinado, apenas estimulado.

As emoções sociais ou secundárias, podem variar de acordo com cultura, com a época. Não são inatas, e sim aprendidas, são elas: simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação e desprezo. Peguemos a emoção do ciúme para exemplificar as emoções sociais. No Brasil o homem pode casar-se com apenas uma mulher, se ele olhar para outra estando ele comprometido, provavelmente irá causar ciúme em sua esposa, Já em países onde o islamismo impera, a poligamia é permitida, os homens podem ter até quatro mulheres, e o ciúme não tem motivos legais para existir. As mulheres crescem já se acostumando com esta situação, então a tendência de sentir ciúme do marido é baixa. Neste caso, o ciúme varia de acordo com a cultura, é uma emoção social.

Por último temos as emoções de fundo, são estimuladas internamente e relacionam-se com o bem estar e mal estar, tensão e relaxamento. São percebidas por manifestações sutis, pela cadência da voz. São compostas por reações regulatórias.

Gonsalves (2015) traz o conceito multidimensional da emoção, classificada em três dimensões: neurofisiológica, comportamental e cognitiva. A dimensão neurofisiológica refere-se àqueles movimentos aos quais não temos controle, tais como pressão sanguínea, respiração, taquicardia. Aproveitamos para comentar que não se controla emoção, já que ela é uma resposta automática do organismo, ela vem e não podemos dizer à ela que não venha. Podemos controlar nossas ações, movimento que vem depois da reação e do pensamento, mas as emoções, são involuntárias, identificamos isto ao conhecer a dimensão neurofisiológica das emoções. A segunda dimensão é a comportamental refere-se às expressões corporais, o tom de voz, os movimentos do corpo etc. Por último temos a dimensão cognitiva, que nos permite rotular a emoção, é uma vivência que passa pelo intelecto. Com isto, vamos tratar um pouco sobre o conceito de sentimento.

2.2 Conceito de sentimento

Diferentemente da emoção, o sentimento ocorre de forma discreta, a emoção é pública, o sentimento é privado, só a pessoa que sente sabe de sua existência. O sentimento não é exposto aos outros por ocorrer inteiramente de forma intrínseca. A emoção serve de base para o sentimento, dura poucos instantes e o que se sucede são os sentimentos em relação ao que foi vivenciado. Por sentimento entende-se a tomada de consciência da emoção. É a percepção do estado do corpo e do modo de pensar diante da situação originária. Acontece o estímulo (EEC), o corpo reage (emoção) o estado de perturbação passa e então se toma uma consciência corpórea e mental do ocorrido (sentimento). Nas palavras de António Damásio:

Um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar (Damásio 2013, p.92)

Para ele, o sentimento é a percepção do pensamento, mas também do corpo, pois se fosse apenas do pensamento, diríamos "penso-me bem" ao invés de "sinto-me bem". Sendo assim, o sentimento é a dimensão cognitiva do estado emocional.

Fazendo uso da explicação de Damásio sobre o que o filósofo Baruch Espinosa falou acerca de apetite e desejo, podemos fazer a seguinte analogia: o apetite para Espinosa tem a conotação de um comportamento influenciado por uma pulsão, é o "puro querer por querer", e o desejo é a tomada de consciência deste apetite seguido de sua consumação ou frustração. Assim acontece em relação à emoção e ao sentimento. A emoção é desencadeada pela resposta automática, já o sentimento envolve consciência do estado corporal e do que se pensa sobre o estímulo inicial.

2.3 Conceito de Educação Emocional

Sistema de numeração decimal, uso do pronome, a ocupação da América, as divisões do espaço brasileiro, dentre outros, são alguns dos assuntos que são ensinados durante um bimestre numa escola de ensino regular. Quando se trata de Educação Emocional, o processo não funciona assim, pois se trata de um aprendizado que ocorre durante toda a vida. A Educação Emocional nas palavras de Bisquerra é:

Um processo educativo contínuo e permanente, que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento humano, com o objetivo de capacitar para a vida com a finalidade de aumentar o bem estar social e pessoal (Bisquerra, 2000).

A partir deste conceito percebemos que a Educação Emocional foge aos padrões tradicionais, os quais centram as atenções no cognitivo, priorizando o intelecto em detrimento do que o corpo fala. Ela se preocupa com o desenvolvimento integral do ser humano, potencializando suas capacidades sem segregação, mas compreendendo que o corpo (lugar onde ocorrem as emoções) faz parte do processo de aprendizagem. O desenvolvimento das competências emocionais é indispensável para o desenvolvimento integral da pessoa.

Este processo começa já no nascimento e perdura por toda a vida. Pelo fato de começar tão cedo, a família ocupa um papel essencial, e para isto, os pais também devem desenvolver estas competências. O espaço familiar é importante na educação do indivíduo, portanto, não apenas os professores devem conhecer este assunto, mas a família deve estar envolvida.

A educação implica mudança de comportamento, conhecimento que me transforma. Educar nesta perspectiva “é descobrir-se enquanto ser aprendiz da vida” (GONSALVES, 2009, p. 61). Podemos elencar aqui três aspectos no ato de aprender: saber, sentir e fazer. Para que este processo seja completo, para que haja mudança de comportamento se faz necessário que os três elementos estejam ativados. Por exemplo, se uma criança cai de uma escada enquanto corre, ela saberá que subir uma escada correndo é perigoso, mas não apenas ela saberá como também sentirá medo de subir correndo, com isso, não o fará novamente. Sendo assim, ela aprendeu, houve mudança em seu modo de agir. O sentir a necessidade de mudança passa pelo âmbito afetivo, só se muda quando aquilo lhe é importante. Não estamos dizendo que só irá aprender a não subir uma escada correndo quando assim o faz e um acidente acontece, mas queremos destacar que de alguma forma o sentir a importância de determinada aprendizagem, é de suma importância para que esta ocorra, e esta importância está no fator afetivo/emocional.

Objetiva-se com a Educação Emocional desenvolver competências emocionais que irão proporcionar bem estar pessoal e social. O indivíduo que se sente bem, que reage adequadamente às situações de conflito que se apresentam cotidianamente, irá consequentemente se relacionar bem com as pessoas, irá conseguir obter bom êxito em suas atividades. Mas para isso, é preciso conhecer suas emoções, saber como elas se manifestam não apenas em si, mas também no outro.

Dentre os objetivos apresentados por Bisquerra 2002 estão adquirir conhecimentos sobre suas próprias emoções; identificar as emoções das outras pessoas; desenvolver habilidades de regulação das emoções; aprender a lidar com as mesmas de modo positivo a fim de se ter uma postura positiva diante da vida. Em suma, a Educação Emocional pretende proporcionar o desenvolvimento de Competências Emocionais. E o que são elas?

Os conceitos de Competência e de Competência Emocional são baseados em Bisquerra 2002. Competência é o conjunto de conhecimento (saber), habilidade (saber fazer) e atitude (saber ser) necessários para realizar alguma atividade eficazmente. Sendo assim, Competência Emocional está relacionada com o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para compreender, expressar e regular de forma adequada as emoções.

Uma gama de capacidades se desenvolve concomitantemente ao se adquirir competências emocionais, como por exemplo a Consciência Emocional, que é estar consciente de suas emoções e das emoções das outras pessoas. Nesta capacidade o indivíduo tem a sensibilidade de entender o clima emocional estabelecido no ambiente em que está, tem consciência das emoções presentes nele e nos demais conseguindo nomear cada uma delas.

Outra capacidade é a de Regulação Emocional. Nela o indivíduo é capaz de manejar as próprias emoções. Aqui o indivíduo está ciente da relação entre emoção, cognição e comportamento, e usa esta habilidade para formular estratégias de ação diante da situação promotora da emoção. A pessoa regulada emocionalmente escolhe o que vai expressar. Ela não controla a emoção, mas o comportamento que exterioriza é o que ela julga mais adequado de acordo com o impacto que irá causar aos outros. Não se mostra como uma pessoa descontrolada, dada à impulsividade, mas como alguém que é capaz de autogerir seu bem estar subjetivo para obter uma melhor qualidade de vida. Temos ainda a Autonomia. Um indivíduo autônomo desenvolve um senso de autoestima que o faz estar satisfeito consigo, ter uma imagem positiva de si. Sendo assim, é otimista e assume suas responsabilidades, constantemente se auto motivando com uma atitude positiva diante das situações vivenciadas.

Consideramos a Educação Emocional não como um complemento, mas como fator indispensável para um desenvolvimento integral do indivíduo, como uma forma de escapar da “escola da tristeza”. O fracasso escolar, dificuldade de aprendizagem, estresse, evasão escolar e tantos outros acontecimentos negativos que presenciamos atualmente

nas escolas, poderiam ser minimizados com a visão ampliada da escola. Focar no cognitivo não tem dado os resultados esperados e a sociedade paga caro por isso. Educar pessoas como se programa máquinas, a nosso ver, é um atestado de limitação dado por uma instituição escolar.

Os problemas que elencamos acima, em todos existe um fundo emocional que a “escola da tristeza” despreza por focar no cognitivo. Por isso estuda-se tanto atualmente o porquê dos alunos não aprenderem, pelo fato de não procurarem saber antes como ele aprendem. Saber que a aprendizagem se dá com o corpo inteiro é de suma importância, e se a aprendizagem se dá no corpo, não se deve desprezar as emoções, pois o corpo é o teatro onde elas se apresentam.

O corpo precisa ser considerado, pois é através dele que vivenciamos o dia a dia. Ele atua algumas vezes como protagonista, outras como espectador, contudo, ele sempre está lá e tudo retém. A dor de cabeça à noite é a voz do corpo mostrando que participou ativamente daquela situação conflituosa durante o dia. O corpo fala como diz o título do livro de Pierre Weil, e é consciente como afirma o grande filósofo da educação Paulo Freire, que nos ajuda com suas palavras a ampliar o nosso conceito a respeito do corpo:

[...] o corpo é o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz o meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo também se constrói socialmente (FREIRE, 2006, p.92)

A noção de corporeidade é apresentada por Merleau-Ponty (1999) como uma forma mais abrangente para referir-se à unidade mente-corpo. De acordo com o autor, o corpo não deve ser reduzido a um objeto regido por leis da mecânica clássica, ao contrário, deve ser compreendido a partir da experiência vivida, posto que é o meio primordial de comunicação do ser humano com o mundo. Ele é consciente, como explica Figueirêdo, Galiza e Pia “A expressão ‘corpo consciente’ entende que a consciência é o próprio ser humano, com sua autonomia e capacidade intrínseca de existir no mundo, para pensar e se relacionar com os outros e com o seu entorno.”

O homem vive em um dado contexto social com o qual interage dinamicamente, por meio de sua atuação transforma sua realidade e acaba por gerar modificações que, por sua vez, irão influenciar seus modos de pensar, agir e sentir. Portanto, devemos facilitar este processo nos diversos campos sociais, no trabalho, na escola, na nossa casa.

Sendo no corpo que as aprendizagens ocorrem, e entendendo que aprendizagem é movimento, é diálogo, então o corpo interage com uma linguagem que lhe é própria, expressada através das emoções, do sentimento, do comportamento.

Dentro dos conteúdos da Educação Emocional podemos encontrar outras ciências dialogando. Consideram-se autores de outras áreas que assim como os da Educação Emocional, pensam o indivíduo como um ser integral, que não se limita ao cognitivo, mas pensa, sente e age. A exemplo disso temos autores como Maturana, Dewey, Montessori, Rogers, Damásio, dentre outros. Podemos ver apontamentos de áreas e/ou movimentos como a Psicologia, Habilidades Sociais, Educação Moral, Escolanovismo, Biologia, Neurociência, dentre outras (os).

Como vimos acima, a emoção é trazer para fora, é exteriorizar o que se sente. Há uma alteração no corpo, os sinais são dados. Ao estudarmos os conceitos e as formas de manifestações das emoções, podemos inferir quais emoções estão presentes com base na observação do comportamento do indivíduo. Em caso de uma situação de conflito, inferimos quatro emoções em seu âmago, são elas: raiva, medo, aversão e inveja. Vamos conhecer os conceitos e como se manifestam:

2.4 Raiva

Define-se como um estado emocional em que o corpo responde a um estímulo promotor de irritação ao se sentir ferido ou ameaçado. Exterioriza-se de modos variados dependendo de quem a sente, a maneira como se vivencia é que definirá se é passageira ou prolongada. Quando prolongada passa do estágio de agressividade para o de agressão violenta.

Os aspectos neurofisiológicos são o enrijecimento do rosto, batimentos cardíacos acelerados, sobrancelhas elevadas, aumento da pressão arterial, rosto contorcido. O sistema límbico inibe o córtex quando as respostas são incontroláveis, diminui assim a capacidade de pensar e o autocontrole. Geralmente quando estamos raivosos surgem expressões como “Estou com a cabeça quente”, “Meu sangue está fervendo”, e expressões regionais como “Estou com a mulesta” (no caso de Paraíba).

Em relação aos aspectos comportamentais, esta emoção faz o indivíduo se comportar de maneira ameaçadora, com agressão verbal e até física, gritos e xingamentos. Estes comportamentos podem causar danos a objetos e a outras pessoas.

A intensidade da raiva difere de pessoa para pessoa, mas o desenvolvimento moral e psicológico de cada pessoa é determinante na forma como a raiva é exteriorizada. (Gonsalves, p.17)

Ter competência emocional é fundamental para conseguir manter a calma em momentos em que você fica com raiva.

De acordo com Gonsalves e Souza 2015 esta competência é variável, pois depende de fatores como:

- A educação emocional que se tem.
- A capacidade de superação de uma frustração e da própria defesa dos direitos humanos.
- Consciência de normas e valores sociais para coexistir com os mesmos.

Isso significa que quanto mais educado emocionalmente se é, maiores são as chances que se tem de lidar com a raiva. Acreditamos que o primeiro passo a ser dado para vivenciar a raiva de uma forma libertadora é saber identificar os sinais. Só é possível tomarmos decisões em um momento de raiva, se formos conscientes do que pensamos e sentimos em relação à raiva. (GONSALVES & SOUZA, 2015, p. 23)

É de extrema importância que a pessoa conheça a si própria, que possa reconhecer o surgimento da raiva, sendo sincero consigo mesmo você pode enxergar o pensamento raivoso e assim superar. Você pode fazer técnicas de relaxamento tipo: Respirar profundamente está deve ser lenta. Assim o seu organismo irá absorver mais oxigênio diminuindo o ritmo cardíaco e a adrenalina não chega rapidamente a corrente sanguínea. Respirando lentamente os músculos relaxam e a tensão diminui, assim podemos pensar e agir da melhor maneira diante da situação. Esta é a próxima técnica que pode ser usada, relaxar os músculos, identificando a área do nosso corpo que se encontra mais tensa e assim fazer uma massagem, auxiliando a superar o estado de raiva.

Ao sentir raiva, a pessoa tem a possibilidade de saber, pelo menos quatro coisas de si mesmo: o que lhe frustra, o que lhe irrita, o que lhe provoca e o que lhe indigna. Assim, escute o que a raiva fala de você e de seus valores. Pense nisso. (GONSALVES & SOUZA, 2015, p. 24).

A raiva, como as outras emoções são intrínsecas do ser humano e a grande sacada é como vivencia-la de forma libertadora, fazendo com que você se sinta melhor.

2.5 Medo

Tem por definição ser um estado em que o corpo fica alerta, o sinal amarelo acende. Diante de uma situação de perigo iminente, a reação natural do corpo é se preparar para a fuga ou enfrentamento a fim de se proteger. Esta emoção é protetora e, portanto vital, pois afasta o corpo do que lhe parece nocivo. Pessoas que não apresentam a emoção do medo estão desreguladas emocionalmente. O medo é por vezes considerado uma emoção negativa, contudo, se o indivíduo atravessa uma rua movimentada sem medo, corre sérios riscos de não chegar ao outro lado da rua. Na medida certa, nos é vital.

No tocante aos aspectos neurofisiológicos, ao sofrer um estímulo ameaçador físico ou psicológico o cérebro libera hormônios como a adrenalina causando aceleração dos batimentos cardíacos, ressecamento dos lábios, contrações musculares, palidez e tremedeiras involuntárias. Os aspectos comportamentais variam de acordo com cada pessoa e com cada situação. Geralmente ocorre paralisia, distração, irritação, pessimismo. Um detalhe importante de salientar é que o isolamento também é característica de quem tem medo. Alunos que durante o recreio (intervalo entre as aulas) costumam não se relacionar com os demais colegas, ficar na sala ou procurar espaços isolados, podem ser vítimas do medo de interagir, medo de não serem aceitos nos grupos, ou podem estar sofrendo ameaças. Estes tais são muitas vezes taxados de tímidos e com isso os professores não dão a devida atenção. Outra característica interessante é a procrastinação. Alunos que têm um trabalho para entregar e ficam alterando demais o trabalho, ou demoram a entregar por não considerar que está bom, etc., podem ser confundidos com perfeccionistas, quando na verdade é medo da avaliação que receberá.

Uma pesquisa realizada em Portugal por Pinheiro *et al* mostra que na infância os medos são diferentes de acordo com a idade. Por exemplo, nos primeiros seis meses de vida, os medos que mais aparecem são o de perda de apoio e os barulhos altos; no segundo ano, separação dos pais, ferimentos e pessoas estranhas; a partir do quarto ano, máscaras, escuridão e alguns animais; no sexto ano de vida, fantasmas, bruxas, monstros; e a partir dos doze e entrando pela adolescência, medo relacionado ao social, tipo, tropeçar em público, receber críticas e não ser aceito nos grupos.

Ainda de acordo com esta pesquisa, é importante salientar as três vias pelas quais o medo se desenvolve, são elas: Condicionamento Direto, que tem a ver com a experiência que cada um passa; Modelagem, ocorre a partir da observação; e a principal delas, responsável por cerca de 90% dos medos nas crianças, a Transmissão da

Informação Negativa, que é produzida pelas mídias (TV, Internet, etc.) e por amigos e até mesmo os pais.

Em um mundo de consumismo exacerbado, a mídia carrega uma grande responsabilidade sobre a sociedade. Esta, não satisfeita com domínio sobre a vontade e cultura, também está exercendo influência sobre as emoções das pessoas. Um estudo realizado por Silveira. Aponta para os meios utilizados pela televisão para alcançar os máximos índices de audiência. Apoiado pelo livro Sobre a Televisão de Pierre Bordieu (1997) em que ele fala sobre o modelo de mídia francesa, ele afirma que a TV extrapola o direito de informar e acabam usando de sensacionalismo, exibindo cadáveres despedaçados, catástrofes e acontecimentos do tipo para chamar a atenção da grande massa. Com isso os apresentadores constroem vítimas desoladas e violam a privacidade de algumas pessoas menos afortunadas, e ainda fomentam brigas entre vizinhos em bairros populares trazendo pseudoespecialistas que disseminam o sentimento de insegurança no seio social.

O medo é passível de mudança e varia consideravelmente de cultura para cultura. Nesse sentido, o medo não é só uma reação emocional, ele inclui crenças e valores e representa um sentimento construído historicamente, aprendido e ensinado de formas diferentes, dependendo da época. (GONSALVES & SOUZA, 2015, p. 49).

De acordo com GONSALVES E SOUZA (2015), O medo não existe apenas em pessoas que demonstram estar acuada. Uma pessoa que busca ser sempre o centro das atenções e que quer a todo tempo mostrar o que pode fazer, está pode ser refém do medo, onde sua autoestima está baixa sendo assim muito exigente consigo, querendo agradar a todos e a todo tempo, com medo dos outros a julgarem por seus atos.

Qualquer que seja a razão do medo, uma coisa é certa: é preciso “olhar nos seus olhos”. Somente identificando uma origem e criticando uma disposição interna de lidar com a situação é que se alcança a libertação. (GONSALVES & SOUZA, 2015, p. 54).

É necessário ter cuidado para reconhecer o medo, o perfeccionismo, querer controlar ou agradar a todos, podem ser indícios do medo.

2.6 Aversão

Pode ser chamada também de nojo. É uma emoção primitiva, consiste na incapacidade de identificar-se com o outro; estado de rejeição a pessoas ou coisas. É o estado contrário ao do empático, há aqui uma incapacidade de cuidar, de proteger, alimentando assim, a inimizade, a intolerância.

Seus aspectos neurofisiológicos são Nariz enrugado para cima, boca aberta, língua exposta expulsando o que tiver causado nojo ao cérebro. Pode causar dor de barriga, enjoo, dor de cabeça e mal-estares afins. Os aspectos comportamentais são repulsa e por isso distanciamento, desprezo. A pessoa usa de hostilidade e intolerância. Em relação a pessoas, o indivíduo é grosseiro e procura o afastamento. Em relação à comida, por exemplo, sentir nojo por um alimento estragado é uma proteção do organismo. Se não sente aversão por comida estragada, a pessoa irá causar danos ao corpo por ingeri-la, neste caso vemos que a aversão também é protetora.

A aversão é um estado de rejeição profunda entre pessoas, capaz de produzir sentimentos de ódio, inimizade, raiva, dentre outros. São os sentimentos nutridos pela aversão que permitem a nossa não identificação com as outras pessoas. (GONSALVES, CARICIO& LIMA, 2015, p. 85)

Para superar a aversão é necessário aprender a amar a vida, o planeta, o próximo e a si mesmo. Se sentir parte do todo é de extrema importância para conseguir superar a aversão.

2.7 Inveja

É definida como um estado emocional caracterizado pela irritação, angústia e sentimentos afins, é contrário à admiração e geralmente associa-se a outros estados emocionais que causam repúdio, por exemplo: falsa autoestima, malevolência e insegurança. A pessoa invejosa tem dificuldade de olhar para si, sempre tem o outro como referência, enxergando o outro como melhor do que ele. Isso faz com que a pessoa não fique alegre com a conquista do outro.

No corpo se manifesta como mal estar, enxaqueca e até ânsia de vômito em casos extremos. A pessoa que sente inveja geralmente comporta-se disparando respostas

agressivas para a pessoa invejada, fica de mau humor ao vê-la e maquina condutas conspirativas para abortar sucessos alheios.

Estamos vivendo em uma sociedade analfabeta emocionalmente, ao mesmo tempo em que é patológica. Nunca se viu o desenvolvimento de tantas fobias como nos últimos anos. Segundo o Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA, sentimos dez vezes mais medo do que as pessoas em 1980, e os medos são das mais variadas causas – violência, avião, solidão, acidente de trânsito etc.

A inveja assim como todas as outras emoções, fala de nós, e se estamos com inveja de alguém é porque estamos inseguros em nosso modo de ser/fazer. Ela nos permite avaliar o que estamos sentindo para nos possibilitar um redirecionamento no modo de pensar, sentir e fazer.

3. Considerações Finais

Com o estudo realizado verificamos que a Educação Emocional pode contribuir para a prevenção à violência, como já falamos anteriormente, Antônio Damásio fala do EEC (Estímulo Emocional Competente), que faz com que imediatamente o corpo reaja, ele entra em um estado de excitação, de perturbação que dura alguns segundos. A emoção fala sobre nós, ela indica o que é importante, o que tem valor para nós, produzindo movimentos no corpo.

Uma emoção que pode nos auxiliar bastante nesse sentido é o amor que é a emoção que nos livra dos pensamentos maldosos (agressivos) e coloca em prática todo o cuidado que devemos ter para com o próximo. Nesse sentido se faz necessário que em toda relação humana coloque-se em primeiro lugar o amor, este que é capaz de confortar todos os nossos anseios. Na sua relação com a violência escolar tem o poder de fazer com que se tenha respeito diante do próximo.

Assim a socialização que está ligada a aprendizagem, tem mais chances de acontecer, pois, os envolvidos (alunos e os professores) tem em sua ligação o amor. Tendo um ambiente amoroso fica mais propícia a aprendizagem, estes com base na solidariedade, na cooperação e no acolhimento do outro.

Como podemos ver, toda ação tem por trás uma emoção que a impulsiona, então o comportamento violento tem influência de emoções que são geradas, mas que não são bem manejadas por quem as sente. Com isso, defendemos que tanto alunos quanto professores precisam conhecer suas emoções para melhor se relacionar socialmente e consigo.

O professor competente emocionalmente sabe gerir suas emoções, e quando uma situação conflituosa se levanta, ele sabe manter o equilíbrio e enxergar com clareza a situação a fim de tomar a melhor decisão. É capaz também de entender o que se passa com os alunos envolvidos na situação, sabendo se o aluno está com raiva ou com medo, e assim consegue agir mais especificamente, obtendo melhores resultados.

Com isso a Educação Emocional é utilizada como ferramenta na prevenção à violência com processo de resignificação, pode fazer com que a raiva, o medo, a aversão, a inveja sejam vivenciados de forma libertadora e que seja capaz de transformar as ações que são tratadas como violentas em ações transformadoras de bem estar, que visão combater a violência escolar.

REFERÊNCIAS

- BISQUERRA, R. Educación emocional y bienestar. Barcelona: Praxis, 2000.
- CASASSUS, J. Fundamentos da Educação Emocional. Brasília: Liber, 2009.
- CORTELLA, M. S; FILHO, C. B. Ética e vergonha na cara. Papirus 7 Mares, 2014.
- GONSALVES, E. P. Educação e Emoções. São Paulo: Editora Alínea, 2014.
- GONSALVES, E. P; LIMA, F. A. O Livro das Emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: Editora CRV, 2015.
- CHARLOT, Bernard et al. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002. PINGOELLO, Ivone. Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula. 2009.
- PINGOELLO, I. Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula. 2009. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1989.
- MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 127, p. 35-50, 2006.
- PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, p. 161-79, 2009.
- CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. Estudos de psicologia, v. 5, n. 1, p. 71-93, 2000.
- ABRAMOVAY, Miriam; Escolas Inseguras. Jornal de Brasília, Brasília, 09 jun, 2007.
- WEKERLIN FILHO, Duglas. Complexidade, aprendizagem e medo: bases biológicas das emoções e sentimentos a e problemática educacional. 2007. 135 p. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007
- RISTUM, Marilena. O conceito de violência de professoras do ensino fundamental. 2007. 395 p. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2001.
- ALZINA, Rafael Bisquerra. Educación emocional y competencias básicas para la vida. Revista de Investigación Educativa, v. 21, n. 1, p. 7-43, 2003.
- ABRAMOVAY, M. Violência escolar – o bê-á-bá da intolerância e da discriminação. 2003. Disponível em: www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf. Acesso em: 10 jul. 2015.

ELIAS, Maria Auxiliadora. Violência escolar e implicações para o currículo: o Projeto Pela vida, Não à Violência - tramas e traumas. 2009. 294 p. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009

HAUCK, Karine Coimbra Simões. Violência Escolar: Um Breve Estudo Sobre o Tema. 2009. 41p. Monografia (Bacharelado em Sociologia) Universidade Federal de Juiz De Fora Belo Horizonte, 2009.

ABROMOVAY, Miriam; Escolas Protetoras. Correio Braziliense, Brasília, 03 set, 2005.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula, e SALLES, Leila Maria Ferreira., orgs. Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 182 p.

MANGINI, Rosana Cathya Ragazzoni. Justiça restaurativa no cotidiano escolar: uma alternativa para a solução de conflitos. 2010. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2010.

Damásio, António R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. — 3a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violence in schools: identifying clues for prevention, Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.7, n.13, p.119-34, 2003.

UNESCO, Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013.60 p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. HOMICÍDIOS E JUVENTUDE NO BRASIL. Atualização 15 a 29 anos. São Paulo: Instituto Sangari, 2014.